

Índice

A Luz e a Escrita	9
A Lenda de São Julião Hospitaleiro	71
Correspondência (Excertos)	101

A Luz e a Escrita

Para a Djaimilia

FLAUBERT: Pois bem, Charpentier, sempre faz o meu São Julião?

CHARPENTIER: Sim, claro... Sempre mantém o vitral da Catedral de Rouen, que — é v. quem o diz — não tem qualquer relação com o seu livro?

FLAUBERT: Sim, perfeitamente, e a isso se deve que seja bom.

ZOLA: Mas ao menos permita a Charpentier introduzir uns desenhos no texto... O Moreau far-lhe-á uma Salomé.

FLAUBERT: Jamais... V. não me conhecem: tenho a teimosia de um Normando, que sou.

“Mas”, suplicamos-lhe, “só com o seu vitral a publicação não tem a menor possibilidade de sucesso! Venderá vinte exemplares... Ora, porque cisma com uma coisa que v. mesmo reconhece ser absurda?”

FLAUBERT, com um gesto à la Frédérick Lemaître: “É absolutamente para impressionar os burgueses!”

Goncourt, *Journal*, 10-06-1879

Introdução

Porquê ler com atenção *A Lenda de São Julião Hospitaleiro*?

Algumas vezes, para algumas pessoas, “ler com atenção” confunde-se com aquilo a que a dada altura se chamou *close reading*. Como este ensaio se parece *grosso modo* com esse estilo de leitura, ajuda dizer que a pergunta não se refere às suas virtudes mas às do seu objecto: o primeiro a aparecer dos *Trois Contes* de Gustave Flaubert, em 1877. (Se é certo que estas são mais bem iluminadas pela *close reading*, não há razão para que esta não se eduque fora do texto, se é que há “fora-do-texto”, etc. Mas esta derivada só traz felicidade a um nicho muito restrito.) A minha pergunta pretende por isso ser bastante mais geral e democrática. Não: “quais as vantagens em ler a *Lenda* de certa forma?” mas “o que há de interessante e importante na *Lenda*?”.

Algumas vezes, para outras pessoas, este conto serve para roçar cotovelos com uma tradição de estetas que por ele ciclicamente se interessam, de forma por vezes brilhante.¹ A felicidade que isso traz a um nicho não menos restrito que o primeiro (e, tal como aquele, em vias de extinção) tem um leque de motivos também bastante especializado. Ou pouco democrático, no sentido em que são motivos obscuros e/ou indiferentes para a generalidade do público. Ironicamente, o Julião de Flaubert tornou-se um dos pequenos santos da tribo do gosto que tanto o irritava² e contra cujos códigos e costumes a *Lenda* não deixa de ser uma diatribe. Isso

não ser claro à primeira vista é uma das justificações interessantes para a relemos. Mas está longe de ser a mais importante.

Uma razão mais geral é a que nos pode ser dada por um exame das virtudes literárias da *Lenda*, desde logo (mas não somente) a virtude da precisão. Lida de perto, ver-se-á que não existe uma palavra a mais, ou fora de sítio, e que o que a alguns parece uma variação quase juvenil sobre um tema medieval (uma “coisita sem importância”, como o autor a apresentou sarcasticamente a George Sand³) alegoriza asperamente um balanço de vida, num momento de crise. Esta razão é mais geral — se quisermos: mais democrática — no sentido em que a precisão é uma qualidade valiosa para qualquer balanço de vida e em que pouco há de tão democrático como os momentos de crise.

Poderá parecer estranho, sobretudo aos especialistas, que insista no termo “democracia” e a propósito de quem. Elitista que desconfiava da democracia quase tanto como desconfiava da elite, Gustave Flaubert nunca se mostrou interessado nos grandes temas da “actualidade”; não tinha o oportunismo do presente; não estava interessado em si mesmo; não estava interessado em *mudar o mundo*. Estava interessado em fazer uma coisa muito bem. De Sand a Sartre, esta atitude valeu-lhe a mais dura crítica. De Franz Kafka a Walker Evans, valeu-lhe, também, a coroa de herói. Se quisermos acrescentar uma razão para examinar o exemplo de *A Lenda de São Julião Hospitaleiro*, basta reparar num paralelismo flagrante entre períodos e situações, que o torna (sorriso amarelo) um texto “muito actual”.

Na sequência da Guerra Franco-Prussiana e da Comuna de Paris, a politização literária e artística dos anos 1870 não era menos abrasiva e dominante do que a dos últimos anos e daqueles que se vislumbram. O autor (cujas opiniões políticas, de resto, são coerentemente incoerentes) vê-se em vias de ser derrotado pela idade e pela falência financeira, mas também pelas circunstâncias adversas a uma obra que lhe parece porém maior, árdua e duradoura. Quando tudo se afigura perdido, perverso e sem emenda, surge esta “coisita sem importância”, em que Flaubert desinibidamente

se projecta. Uma hagiografia, uma provocação, um manifesto, um balanço de vida, uma teoria da literatura, uma alegoria do *métier* — uma obra-prima do apagamento poético, que antecipa as suas múltiplas elaborações no modernismo.

Que um autor se projecte como nunca através do esforço por se apagar é talvez um paradoxo e um aparente fracasso. Pode ser que seja antes uma regalia irónica o não haver como apagar o estilo desse esforço. A própria sombra é sempre mais nítida e anónima quando a luz é dura.

*

Ao ensaio *A Luz e a Escrita*, em que desenvolvo um argumento em torno destas ideias, segue-se a tradução portuguesa de Pedro Tamen de *A Lenda de São Julião Hospitaleiro*, aqui republicada não só para facilitar a vida aos leitores, mas porque parte do argumento tem origem num aspecto muito peculiar dessa tradução, que não encontra correspondência em nenhuma outra tradução que eu conheça, e que poderia legitimamente ser descrito como um erro de palmatória. O meu comentário tenta compreender (e homenagear) esse erro, que exhibe a virtude da precisão.

Ao texto de Flaubert segue-se uma escolha da sua correspondência, infelizmente indisponível em português em suficiente extensão. Essa escolha não é exaustiva, mas ostensiva ou representativa. Tenta compor uma imagem fiel do pensamento do autor, do seu perfil artístico e do contexto moral do aparecimento⁴ da *Lenda*⁵. É dada especial relevância a cartas que mostram como esta revisita momentos fulcrais da correspondência com Louise Colet (do período de *Madame Bovary*, ca. 1851-1855); e a cartas que, sem necessidade de grandes explicações da minha parte, dão conta das circunstâncias em que foi escrita. Omiti quase tudo o que nelas não me pareceu relevar dos pontos de vista literário, histórico, político ou filosófico. Os assuntos pessoais (se é que o não eram aqueles para Flaubert) foram quase totalmente excluídos, excepção feita à sua embirração relativamente a Paris. Não a

omiti por esta ser constante e significativa, de mais a mais, no que diz respeito à *Lenda*, se tivermos presente a sua última e inesperada linha. A de que tudo isto tem origem “num vitral de igreja, na minha terra”.

Flaubert não se referia a França, nem a Paris.

NOTAS

1 Entre nós, veja-se: Amadeo de Souza-Cardoso, *A Lenda de São Julião Hospitaleiro de Flaubert*, com ensaio de Maria Filomena Molder, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Assírio & Alvim (2006).

2 Ver cartas como as de 22 de Novembro e 9 de Dezembro de 1852, respectivamente, pp. 124, 127.

3 Ver p. 160.

4 Ou *re-aparecimento*: escrever sobre São Julião Hospitaleiro é uma ideia quase tão antiga como *As Tentações de Santo Antão*, de que há vestígios epistolares desde, pelo menos, 1856. Ver nota 111.

5 Na época das querelas metodológicas, dir-se-ia que se segue, portanto, uma *close reading ma non troppo*. Pode dizer-se que este livro é, na verdade, um fóssil. A improbabilidade da sua publicação no início dos anos 2020 justifica um agradecimento especial a Francisco Vale.